

Posteriormente a esse dia, de volta ao laboratório, esse temporal foi minimizado a pequenos mapas que delineavam ficticiamente os limites dos relâmpagos. Nos mapas, podemos até encontrar barreiras entre a trovoada, o “concreto” e o espaço restante. Esta nova linguagem substitui a autonomia destes elementos pela autonomia de quem os cartografa. Por consequência, torna-se assim um método mais fácil de alguém se apoderar destes elementos e conseguir trazê-los a um mundo novo com ideias e regras novas (figs. 3 - 9).

Jardim Botânico – “Corpo sem órgãos”

As minhas visitas ao Jardim Botânico também foram cruciais na busca de elementos para este novo território que eu pretendia criar. De todos os organismos vivos que eu vi, os que mais me interessaram para registrar através da fotografia, foram algumas árvores, cujos troncos se revestiam de várias manchas de cor. Os vários tons da madeira, e de certos organismos que se infiltravam nas árvores, delineavam vários padrões que achei que poderiam ser interessantes para o meu processo de mapeamento. Posteriormente ao procedimento que tive ao cartografar os raios da tempestade do dia 5 de Março, criando uma ligação entre “mapa” e água”, sucedeu-se a vontade de mapear a distribuição da terra. Este processo foi muito mais simples que o outro, pois os padrões presentes nas árvores já estavam visíveis e assim, só tive de os passar diretamente para o papel.

Há uma diferença entre estes mapas e os que representam a tempestade: enquanto estes últimos se revelaram quase como gráficos abstratos, os primeiros parecem-se mais com os mapas geográficos de um território. Nalgumas experiências, nomeei algumas áreas dos mapas como “corpo sem órgãos” assinalando-as com uma mancha de cor diferente e com uma legenda intitulado-as com este mesmo nome. Estas legendas demarcavam as respetivas áreas como lugares à parte, que não obedeciam às normas convencionais incorporadas nas áreas vizinhas que se distribuíam dentro do mesmo mapa. A pretensão desta identificação era mostrar que estes tipos de mapa não só são a representação pictórica e bidimensional de um certo espaço terrestre, como também mostram que ele está dividido por várias zonas que não são igualitárias entre si. O facto de ter escolhido este nome, provem das teorias

defendidas por Gilles Deleuze e Felix Guattari⁶, que abordam e questionam uma possível desagregação entre os corpos da sociedade (podendo estes ser territórios, pessoas ou objetos), dividindo-os entre dois grupos: um que incorpora e funciona de acordo com as regras da sociedade, e outro que nasce e se desenvolve autónomo destas. Estes novos mapas que criei também pretendiam dividir os lugares que representavam duas classes que não se organizavam normativamente da mesma maneira. As áreas que eram denominadas de “corpo sem órgãos” eram precisamente aquelas que não apresentavam órgãos corporativos na sua estrutura.

Toda esta visão que apresentava esta maneira de cartografar, inventada por mim, foi notoriamente influenciada pelos vários percursos que fiz pela cidade inteira, que acabaram por ser mais relevantes para este processo do que as visitas ao Jardim Botânico. Nestas rotas, reparei como a cidade estava distribuída por vários bairros, cada um com características muito próprias. Estas características não só definiam a estética de cada bairro como o seu modo de vida, o estilo das pessoas, como regem a maneira como devemos movimentar-nos dentro deles e os alertas que devemos ter (pela razão de alguns serem mais violentos e obrigarem-nos a seguir certos códigos). Consequentemente, estes bairros também se diferenciavam nas suas regras culturais e na maneira como estão integrados na sociedade. Isto provocava uma divisão na cidade, onde algumas zonas viviam de acordo com os padrões convencionais dirigidos por esta; enquanto outras acabavam por ser como que os seus territórios adjacentes, pertencendo-lhe mas criando entre si um outro tipo de estrutura e organização. Geograficamente, estas regiões apresentam-se dentro do mesmo mapa dos outros bairros, situando-se muito perto destes, mas socialmente e politicamente mostram-se como outros lugares completamente desvinculados das normas padronizadas pelos seus vizinhos, o que também influenciava bastante a sua estética. Pesquisando a sua história e política, é interessante conhecer como estas comunidades criaram uma outra realidade que procurava dentro de si os seus próprios meios de sobrevivência, que não existiam na realidade das outras áreas da cidade. Quando decidi assinalar estas zonas nos meus mapas fictícios como “corpos sem órgãos”, a apropriação deveu-se mais ao nome e ao que ele significa para mim do que propriamente às ideias de Deleuze e Guattari. Enquanto os seus “corpos sem órgãos” falam de organismos que ainda não foram corrompidos pelos desejos e manipulações

⁶ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo, Capitalismo e Esquizofrenia 1*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

do sistema convencional, os meus “corpos sem órgãos” já se corromperam por outro sistema alternativo. Deleuze e Guattari dão-nos a visão de corpos que livremente escolhem a opção de não terem órgãos corporativos, enquanto que “os meus corpos” não tem estes órgãos porque simplesmente não existe a possibilidade de os terem. O facto de eles terem criado uma outra estrutura oposta àquela que se apresenta como institucional, foi porque a instituição não os incluiu dentro dela e não lhes deu acesso “aos seus órgãos”. Consequentemente, estes assinalam-se no mapa por serem corpos pertencentes àquela cidade ou país ou outro tipo de território, mas que se desenvolvem sem os “órgãos” do lugar que os acolhe geograficamente.

Neste tipo de análise, é curioso estabelecer uma comparação com a “cartografia do abismo” de A. Artaud. Este pensador convoca e identifica uma geografia interna dos indivíduos, geografia da alma, onde convergem várias linhas de fuga que existem devido à conscientização de não quererem ser invadidas por um sistema que as ordena, racionaliza, esquadrinha e determina as suas funções. Estes territórios que analisei também se podem caracterizar como linhas de fuga ao sistema normalizado da sua cidade, mas eles acabam por criar um outro sistema de regras, de desejos e de medos, um outro sistema que se desenvolve à parte do sistema institucionalizado mas que compactua e é corrompido por este. No entanto, é interessante notar como estes sistemas alternativos se comportam de uma maneira completamente rizomática, como se seguissem as propostas de Deleuze⁷. São lugares que provocam a diferenciação mediante o manejo das intensidades, tal como os rizomas definidos por Deleuze, pois contêm muitos pontos centrais onde as coisas se dispersam, ao contrário do padrão normalizado que apenas remete para um centro dentro de uma localidade, separando-o dos seus arredores. Jorge Mário Jáuregui é um arquiteto argentino que desenvolveu grande parte do seu trabalho ao urbanizar estes territórios, pelo programa Favela-Bairro. Construindo a partir do conflito, Jáuregui descreve estes bairros enfatizando as suas características rizomáticas, uma delas é o facto de serem como campos adubados, “como um lugar onde é possível surgir o novo, rearticulando-o sobre novas bases”⁸.

Voltando ao meu trabalho no NANO, debrucei-me sobre as possibilidades de hierarquias e diferenças entre áreas. Na fig. 10 nota-se como me fixei na forma mais

⁷ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Lisboa: Relógio d'Água, 2004.

⁸ JAUREGUI, Mario Jorge – Construir a partir do Conflito in http://www.jauregui.arq.br/texto_entrevista_jorge.html

Fig. 10

